

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. *A noção de propaganda e sua aplicação nos estudos clássicos. O caso dos imperadores romanos Septímio Severo e Caracala*. Jundiaí: Paco Editorial, 2013. 284 p.

Semíramis Corsi SILVA\*

Durante muito tempo a historiografia apresentou a Dinastia dos Severos, que governou o Império Romano de 193 a 235 d.C., como uma Monarquia Militar, considerando que tais imperadores buscaram elementos de sustentação de seu poder essencialmente nas legiões de soldados. Dentre os historiadores que seguiram essa tendência podemos citar alguns autores clássicos da historiografia sobre Império Romano, como Mikhail Rostovtzeff em *Social and Economic History of the Roman Empire* (1957), Roger Rémondon em *La crise de l'Empire Romain de Marc-Aurèle à Anastase* (1967), Paul Petit em *La crise de l'Empire des derniers Antonins à Dioclétien* (1974), entre outros. No entanto, uma historiografia mais atual tem se proposto a revisar essa ideia, mostrando-a como fruto de uma leitura acrítica da documentação escrita, especialmente daquela de origem senatorial com autores do período severiano como Dião Cássio e Herodiano. Neste sentido, tais historiadores mostram como esta dinastia criou outras formas de legitimar seu poder, uma vez que tal legitimação se fazia extremamente importante, sendo uma nova dinastia no poder após um período marcante de guerra civil (193 a 197). Além disso, os Severos configuram-se como a primeira dinastia de origem oriental do Império Romano, com imperadores sem nenhum vínculo familiar com a Península Itálica. Há ainda no período severiano uma série de transformações como a origem cada vez maior de provinciais adentrando o senado romano, equestres ascendendo a esta ordem e a real importância do exército na aclamação dos imperadores. Essas características reforçavam a necessidade da criação de uma propaganda dos atributos severianos para estarem no poder do Império.

No Brasil, uma das principais historiadoras empenhadas em desenvolver pesquisas sobre a temática severiana é Ana Teresa Marques Gonçalves, professora da

---

\*Doutoranda em História – Programa de Pós-graduação em História – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *Campus* de Franca, CEP: 14409-160, Franca, São Paulo – Brasil – Sob orientação da Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho. Membro do Grupo do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano – G.LEIR, UNESP/Franca. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Foi Bolsista do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE/CAPES, na Universidad de Salamanca – Espanha. E-mail: [semiramiscorsi@yahoo.com.br](mailto:semiramiscorsi@yahoo.com.br).

Universidade Federal de Goiás (UFG), que desde seu mestrado, defendido na Universidade de São Paulo (USP), dedica-se aos estudos sobre o período, apresentando-nos agora o livro *A noção de propaganda e sua aplicação nos estudos clássicos. O caso dos Imperadores romanos Septímio Severo e Caracala*. Este livro é resultado de sua tese de doutorado, defendida também na Universidade de São Paulo (USP), e tem como objetivo perceber como uma série de imagens, símbolos e ações de propaganda foram utilizadas pelos dois primeiros imperadores severianos a fim de consolidarem seus governos, criando artifícios que os ligavam não apenas ao exército, mas também ao Senado, à plebe de Roma e aos grupos provinciais.

Como suporte teórico-metodológico para compreensão dos elementos simbólicos do poder, Gonçalves utiliza as reflexões sobre poder de cunho sociológico de Georges Balandier e também as percepções sobre a construção monárquica de Luís XIV de Peter Burke em *A fabricação do Rei* (1994). Na representação do rei francês a autora percebe certas consonâncias com a construção da imagem imperial de Septímio Severo e Caracala. No entanto, por falta de documentação disponível, a autora não analisa a recepção das imagens em si, centrando-se em identificar como as imagens imperiais eram construídas, como suas mensagens eram passadas e, algumas vezes, quais elementos sociais eram atingidos. A autora também utiliza o conceito de *representações*, dentro dos moldes do que é proposto pela Nova História Cultural e o conceito de *Estado de Teatro*, utilizado por Burke tendo como referencial o antropólogo Clifford Geertz. Em relação a esse último conceito, que visa “a comparação da arena política como palco de espetáculos, e a atuação de homens públicos com aquela fornecida pelos atores” (GONÇALVES, 2013, p. 14), a autora mostra como o mesmo está presente na própria documentação da antiguidade romana, em Cícero e Dião Cássio. Esta observação, a nosso ver, é algo muito importante de ser feito pelo historiador da Antiguidade que não deve aplicar conceitos propostos diante de objetos de estudo contemporâneos sem, no entanto, perceber suas possibilidades para o estudo das sociedades antigas.

Para atingir seus objetivos, a autora desenvolve a análise de um grande repertório de documentos de natureza variada, como textos escritos, inscrições, moedas e monumentos. O livro está dividido em três capítulos, além da Apresentação, Prefácio (de Norberto Guarinello, orientador de doutorado da autora) e Considerações finais.

No primeiro capítulo, *Imagem e propaganda no estudo do início do período severiano (193 a 217 d.C.)*, Gonçalves faz, inicialmente, um balanço historiográfico sobre o conceito de Monarquia militar associado aos Severos e mostra que estes

deveram de fato seu poder ao exército, mas não foram os primeiros imperadores a buscarem apoio no segmento militar, sendo o apoio do Senado complementar ao das tropas. A autora elenca novas abordagens e uma historiografia com visões inovadoras sobre o período, destacando, entre outros, Anthony Birley (1971), Marcel Le Glay, Jean-Loius Voisin e Yann Le Bohec (1991) e Jean-Michel Carrié e Aline Rousselle (1999). Desta forma, a autora desenvolve argumentos contra a ideia dos Severos serem uma Monarquia militar. Um deles é sobre os dispendiosos gastos destes imperadores com os militares, tão acentuado nas fontes textuais, que a autora analisa criticamente. Outro argumento defendido por Gonçalves, neste capítulo, é a apresentação de Septímio Severo menos ligada ao exército e a uma carreira militar e mais próxima do aparato jurídico de seu governo, tanto que é no período severiano que temos a ação reconhecida de três juristas romanos muito conhecidos: Papiano, Paulo e Ulpiano. Depois apresentar uma longa discussão teórica sobre o conceito de propaganda, Gonçalves (2013, p. 46) define como o conceito de *propaganda* se operacionaliza na sua análise severiana:

[...] a construção e a difusão sistemática de mensagens, por intermédio de vários suportes disponíveis, destinados a um público difuso (ou vários grupos sociais que integram a sociedade imperial romana nos governos de Septímio Severo e Caracala), e visando criar uma imagem positiva de determinados fenômenos, articular uma imagem do governante e estimular determinados comportamentos ligados à adesão dos súditos a este governante.

Ainda no primeiro capítulo, a historiadora se propõe a discutir sobre algumas formas de propaganda da era severiana, voltando especial atenção para a iconografia por meio de estátuas que, segundo ela; eram adequadas ao tempo e ao espaço, variando, portanto, com o passar dos anos de governo e idade do governante e com a região onde foram encontradas. Analisa também as inscrições nas bases destas estátuas. Outro meio de propaganda imperial eram as moedas, sendo as mesmas, para ela, úteis em conjunto com outros meios. Lembremos que as moedas traziam elementos sobre a casa imperial, cunhados em seus dois lados e chegavam primeiramente nas mãos dos soldados como pagamento de seus soldos, mas também circulavam entre outros extratos da população, levando a mensagem de propaganda política.

No segundo capítulo, *As várias facetas das imagens imperiais de Septímio Severo e Caracala*, a autora começa analisando a divulgação da imagem de Severo ligada a de Pertinax. Pertinax, a saber, foi um imperador cujo governo foi muito curto (oitenta e sete dias), posterior a Cômodo e anterior a Septímio, mas que, no entanto, era considerado pela tradição senatorial como um homem extremamente íntegro. Assim, ao

associar-se a Pertinax e autointitular-se vingador de seu assassinato pela Guarda Pretoriana, o imperador se ligava a sua imagem de integridade, especialmente em relação ao Senado romano, o que ajudava a enfatizar a retomada de uma ordem quebrada com as guerras civis que antecederam a dinastia severiana. Outra ação muito importante feita pelos Severos, a fim de se mostrarem como continuadores da tradicional política romana, foi a associação com os imperadores da dinastia que lhes antecedeu, os Antoninos, o que é bem analisado no livro em questão. Também são analisadas neste capítulo outras ações visando à legitimação severiana, tais como: a imagem de formação da *domus* imperial e o papel da imperatriz Júlia Domna, esposa de Septímio Severo, a divulgação da existência de uma concórdia interna no Império romano, especialmente entre os sucessores de Septímio (Caracala e seu irmão Geta), a realização de cerimônias e festas públicas, o desenrolar de um grande programa de reformas nos monumentos romanos, a divulgação de sonhos premonitórios, oráculos e presságios (*omina imperii* e *omina mortis*) e a vinculação da imagem imperial ligada a de grandes generais romanos e heróis do passado grego e romano. Destaca a construção das termas no período Severiano uma vez que as Termas de Caracala, cuja construção foi iniciada com Septímio e finalizada com Caracala, foram as maiores de Roma até a construção das Termas de Dioclesiano em 306. Estas termas reuniam pessoas de diferentes extratos sociais de Roma, sendo as construções, por si só, uma forma de propaganda imperial.

Para explicar como cada elemento funcionava enquanto forma de manipulação da opinião pública a favor dos imperadores, a autora faz análises de diferentes tipos de documentos e apresenta interessantes discussões conceituais e historiográficas, como a respeito do conceito de concórdia no mundo antigo. Alguns das ações severianas configuram-se como artifícios de legitimação política muito diferentes dos de nossa contemporaneidade. Outras apresentam pontos que podem nos trazer certas semelhanças, o que, a nosso ver, nos leva a uma interessante percepção dos feitos do passado como um exercício de reflexão sobre as diferenças, algo importante que este livro nos proporciona.

No terceiro e último capítulo, *A contrapropaganda ou a obliteração das imagens concorrentes*, é desenvolvido um estudo sobre como as imagens dos opositores de Septímio durante as guerras civis (Pescênio Nigro e Clódio Albino) e o opositor de Caracala (seu irmão Geta), foram construídas também como contra-imagens na busca de afirmar a imagem positiva de Septímio e Caracala. Uma das associações dos inimigos que destacamos é como Septímio, apesar de ter nascido na África romana e ser casado

com uma imperatriz síria, usou da associação de seu inimigo Nigro com o Oriente e com os bárbaros. Para finalizar este capítulo é analisado o processo de *damnatio memoriae* (danação da memória) de Geta por Caracala. Neste processo todas as imagens e referências sobre uma pessoa eram apagadas por ordem do Senado (*senatus consultum*) como uma espécie de castigo. Este ato é interpretado, no livro em questão, recorrendo a Balandier e sua idéia de que: “A linguagem do poder estabelece uma comunicação muitas vezes restrita, implica o segredo, exprime-se, por vezes, pelo silêncio” (p.220). Sendo assim, é como forma de obter o silêncio sobre Geta que Gonçalves interpreta a ação de Caracala.

A obra de Gonçalves conta ainda com uma extensa bibliografia sobre o Império Romano severiano, fruto principalmente dos estágios de pesquisa da historiadora no exterior, cuja consulta é imprescindível para estudantes desse contexto. O livro interessa especialmente aos estudantes de História Antiga, área que tem crescido consideravelmente no Brasil nos últimos anos, mas não apenas. Pela riqueza de informações, pelo cuidado com o tratamento documental e pela operacionalização de importantes conceitos envolvendo as facetas do poder, o livro interessa ainda a professores e pesquisadores de outras áreas da História, mas também sociólogos, antropólogos, cientistas políticos e outros estudiosos de áreas relacionadas.

Por fim, cabe-nos considerar que a autora é coordenadora regional do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (LEIR-GO, UFG), colaborando com suas pesquisas e de seus orientados (entre graduandos, mestrados e doutorandos) para uma nova interpretação do Império Romano e para o maior desenvolvimento da História Antiga no Brasil.

Resenha recebida em 27/02/2014. Aprovada em 22/03/2014.